

SANTIAGO NO BRASIL: EXPERIÊNCIA DO CAMINHO DO SOL

*Luiz Armando Capra Filho*¹⁵⁷

*Judite Sanson de Bem*¹⁵⁸

RESUMO: O Caminho de Santiago refere-se ao percurso realizado por peregrinos que afluem à Santiago de Compostela (Espanha), desde o século IX, para venerar as relíquias do apóstolo Santiago. No Brasil, no início dos anos 2000, foi criado no interior paulista, o Caminho do Sol, que é, de acordo com seus idealizadores, um percurso que apresenta as referências do Caminho de Santiago. O presente estudo tem como objetivo perceber a ideia de tradição inventada (Hobsbawm, 1984) na constituição do Caminho do Sol (Brasil), tendo como referência o Caminho de Santiago (Espanha). Metodologicamente, apresenta-se como pesquisa exploratório/descritiva, de cunho qualitativo. Constatam-se similaridades entre o Caminho de Santiago e o Caminho do Sol e, como este último, busca, na experiência do primeiro, por meio de tradições e símbolos, sua constituição e modo de operação.

PALAVRAS-CHAVE: Tradição Inventada; Percurso; Caminho de Santiago; Caminho do Sol.

SANTIAGO DE COMPOSTELA: UM CAMINHO DE PEREGRINAÇÃO

Uma peregrinação é uma jornada empreendida por um devoto de uma dada religião a um lugar considerado sagrado por ela. As peregrinações e romarias fazem parte da história da humanidade, desde os tempos mais remotos.

Contemporaneamente, a peregrinação com maior número de participantes por ano é o do Caminho de Santiago, na Espanha. No final do século XX, foi atribuída a ele a alcunha de “Itinerário Cultural Europeu”, sendo responsável por movimentar mais de 250.000 pessoas em peregrinação por ano.

Os Caminhos de Santiago referem-se aos percursos feitos pelos peregrinos que afluem à Santiago de Compostela, desde o século IX, para venerar as relíquias do apóstolo Santiago Maior, cujo suposto sepulcro, acredita-se, se encontra na catedral de Santiago de Compostela (GOMES, 2012). A peregrinação à Compostela foi uma das três grandes rotas da Europa medieval, à qual se associava a Via Romea Francigena (com destino a Roma) e a de Jerusalém. Era concedida indulgência plena àqueles que a fizessem.

O termo “peregrino” remonta da primeira metade do século XIII, utilizado para denominar os cristãos que viajavam a Roma ou à Terra Santa (onde atualmente se encontra o Estado de Israel e os territórios palestinos) para visitar os lugares sagrados. Esses peregrinos buscavam percorrer os caminhos como forma de castigo autoimposto a fim de expiar pecados e, outras vezes, cumprir penas canônicas. Vidotte e Rui (2011), ao traçar a motivação dos peregrinos, apontam: “a viagem que realiza na vida terrena, efêmera, visa a realização plena na vida celeste, eterna”. (VIDOTTE; RUI, 2011, p.144) Ao mesmo tempo, como aponta Bastista Netto (1988, p.1), na Idade Média viajar significa, acima de tudo, sofrimento.

157 Professor Mestre em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle – la_capra@hotmail.com

158 Professora do PPG em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle. Doutora em História - judite.bem@unilasalle.edu.br

Sanchis (2006) corrobora essa informação e complementa que a romaria é constituída de um caminhar muitas vezes penoso e até doloroso, em condições voluntariamente precárias, por muitas vezes demorado, mas sempre cheio de encantos.

A peregrinação caracteriza-se por ser uma viagem realizada por devoção a um local sagrado, com três elementos fundamentais: o peregrino, o local sagrado e o caminho que leva até esse local. Porém, de acordo com Pereira (2003) é relevante salientar que os motivos que motivam os indivíduos a realizar a peregrinação são bastante diversos e não se resumem a questões religiosas.

Sanchis (2006) atribui às romarias uma importante função: a de preencher o imaginário religioso das populações, “[...] uma experiência, singular, individual e/ou coletiva, que ritmava, em muitos casos, o fluxo dos anos, as etapas da vida (namoros, casamentos, chegada dos filhos, carreira, problemas e restabelecimentos da saúde).” (SANCHIS, 2006, p.86).

O CAMINHO DO SOL

Valle (2006) comenta que caminhar, peregrinar e fazer romarias não é algo novo para o povo católico brasileiro, pois há séculos existem santuários nacionais, regionais e locais espalhados por todo o Brasil e que esse elemento cultural foi importado de Portugal. O objetivo dessas travessias é conquistar a influência e as benesses específicas que só Deus pode conceder aos fiéis, em troca de sua dedicação. Praticamente, todas as instituições religiosas têm a romaria como ingrediente especial de seus rituais.

No Brasil, são célebres as que se dirigem a Aparecida, em São Paulo, cidade onde foi resgatada a imagem de Nossa Senhora de cor negra, depois denominada Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Além dessa, também em São Paulo acontece a romaria de Bom Jesus de Pirapora. Já em Bom Jesus da Lapa, na Bahia, tem como destino um santuário situado em uma gruta à margem do Rio São Francisco.

Ao analisarem os trajetos de caminhada, especificamente, os novos trajetos e seus caminhantes, sob um olhar contemporâneo, Santos e Fagliari (2003, p.39) apontam que: “a evolução das formas de peregrinação trouxe consigo algumas alterações em seu significado, causando discussões quanto à sua autenticidade”. O estudo foca nestas novas possibilidades no Brasil e precisa uma data de referência para tal movimento. “No Brasil surgiram, a partir do final da década de 1990, algumas rotas de “peregrinação” cm características bastante incomuns, em grande parte inspiradas no Caminho de Santiago de Compostela.” (SANTOS; FAGLIARI. 2003, p.39). Nesse sentido, apontam que o processo de criação destes novos trajetos segue “a partir da imaginação e do trabalho humano”.

Em relação aos destinos finais de tais jornadas, por exemplo, não existia anteriormente nenhuma devoção especial que fosse motivo de deslocamentos humanos. Em outras palavras, os destinos finais destas “peregrinações” foram criados, implantados. (SANTOS; FAGLIARI. 2003, p.47).

Neste processo, o caminho em si (o ato de caminhar) passa a ter mais importância que o destino final e o contato social entre os integrantes passa ser o principal atrativo. Estes novos trajetos, muitas vezes, deixam de ter foco exclusivo em aspectos religiosos institucionalizados em prol de “atrativos como cachoeiras, praias, montanhas, ruínas históricas, monumentos artísticos e gastronomia”. (SANTOS; FAGLIARI, 2003, p.47).

Percursos inspirados no itinerário cultural de Santiago de Compostela multiplicam-se no Brasil, entre os quais destacam-se: Caminho Gaúcho de Santiago (RS), Caminho das Missões (RS), Caminho

da Fé (SP/MG), Caminho dos Anjos (MG), Caminho do Sol. (SP). Outros aproveitam a experiência/modelo para traçar itinerários inspirados na literatura: Caminho de Cora Coralina (GO).

Estes “novos trajetos” buscam um modelo para implantação, com maior ou menor semelhança em relação à ideia original de cada um. O Caminho do Sol não é diferente. Seu fundador, José Palma, é peregrino de Santiago e a ideia, ao retornar ao país, após percorrer o itinerário cultural do Caminho de Santiago, em 1996, foi propor um percurso que pudesse oferecer, no Brasil, experiências semelhantes às vivenciadas na Espanha.

O Caminho do Sol é um percurso de 241 km de Santana da Parnaíba até Águas de São Pedro, no Estado de São Paulo. Passa pelas localidades de Santana de Parnaíba, Pirapora do Bom Jesus, Cabreúva, Fazenda Cana Verde, Salto, Elias Fausto, Capivari, Mombuca, Arapongas, Monte Branco, Artemis e, por fim, Águas de São Pedro.

José Palma, fundador do Caminho do Sol, afirma que esse percurso “[...] nasceu com o objetivo maior de oferecer aos amantes de caminhadas um ambiente agradável, passando em sua quase totalidade somente por áreas rurais, buscando a introspecção e o despojamento material”.

Foi fundado em 25 de julho de 2010. Essa data não é uma coincidência, pois é o dia dedicado ao apóstolo Tiago, mais conhecido pelo nome ibérico: Santiago. O dia 25 de julho é também a data de emancipação da cidade de Águas de São Pedro. Destino final do trajeto que, segundo seu idealizador, “tem a geografia da Galizia”.

Foi nesta cidade, ao fim do trajeto, que uma imagem de Santiago, trazida da Espanha, foi colocada no centro do Horto Municipal a fim de marcar o fim do percurso. Essa, entre outras referências exploradas ao longo do texto, traz a percepção de que o Caminho do Sol tem como ponto de referência o milenar Caminho de Santiago, na Espanha.

Dias (2003) descreve as referências a Santiago de Compostela, no momento de abertura do Caminho do Sol. Reforça a ideia de que, para que haja um novo “Caminho”, deve haver referência à tradição (neste caso representada pela imagem do Santo):

Por exemplo, no Caminho do Sol foi trazida uma imagem de Santiago, da Espanha, que foi “entronizada” no horto florestal da cidade, local final da peregrinação, doado por um dos hospitaleiros [...] poderíamos dizer que se objetivava construir a ideia da chegada a um lócus sagrado, como seria o caso da peregrinação a Santiago, cujo objetivo é chegar na catedral de Santiago de Compostela. (DIAS, 2003, p.115).

A “ressignificação”, apontada por Dias, foi também apresentada por Cuter e Baptestone (2015), a partir da seguinte colocação:

O Caminho do Sol também é considerado um roteiro religioso que começa no centro histórico de Santana de Parnaíba, o peregrino recebe da Secretaria de Cultura e Turismo um documento chamado “Passaporte do Sol” (Mapa do percurso). Considerado a versão paulista do Caminho de Santiago de Compostela, envolve 12 cidades do interior de São Paulo, percorrendo 240 km, cruzando trilhas e trajetos rurais entre Santana de Parnaíba e Águas de São Pedro, o final da peregrinação se dá junto à imagem de São Tiago. (CUTER; BAPTESTONE, 2015, p.109) – grifo nosso.

É nesse sentido, como reforça Steil e Carneiro, que o papel dos organizadores do Caminho do Sol é o de mediar esta nova forma de vivenciar a relação com o sagrado e, cabe a eles “[...] assegurar e garantir os meios e os recursos simbólicos para que cada um possa fazer seu próprio caminho.” (STEIL; CARNEIRO, 2008, p.113, grifo nosso).

Para Hobsbawm (1984), a ideia de tradição inventada mostra que práticas de natureza ritual ou simbólica pretendem incorporar, a um processo, determinados valores e comportamentos definidos por meio da repetição, a fim de dar continuidade ao passado, a qual não teria, necessariamente, uma origem ancestral em relação à execução.

Segundo Hobsbawm e Ranger (1984, p.10) as tradições genuínas são as “que surgiram e que se tornam difíceis de localizar num período limitado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez”. Por isso, não existe a possibilidade de se apontar, de fato, onde começou uma tradição.

A tradição inventada é caracterizada como um conjunto de regras que se estabelecem através da repetição, podendo estas ser de natureza ritual ou simbólica, conseguindo, através dessa repetição, uma continuidade com relação ao passado. Esse conjunto de práticas, de natureza ritual ou simbólica, teriam por objetivo incorporar determinados valores e comportamentos, definidos por meio da repetição, em um processo de “continuidade em relação ao passado” (HOBSBAWM; RANGER, 1984, p.22). Via de regra, em um passado histórico apropriado: “[...] as tradições inventadas são altamente aplicáveis no caso de uma inovação histórica comparativamente recente [...]” (HOBSBAWM; RANGER, 1984, p.22).

O autor utiliza a expressão “invenção das tradições” a qual, em sentido amplo, inclui tanto as tradições propriamente inventadas e institucionalizadas quanto aquelas que surgem repentinamente e, da mesma forma, estabelecem-se. Essas últimas permanecem, tais como as outras, como se sua origem fosse remota, ainda que durem relativamente pouco. Além disso, o autor também destaca que é relativamente desconhecido o processo pelo qual os complexos simbólicos e rituais são criados, considerando que a invenção de tradições é um meio de formalização e ritualização, sempre se referindo ao passado, impondo repetição.

No intuito de compreender como explicam a idealização Caminho do Sol, evidenciam-se duas situações complementares: a primeira, da relação entre o idealizador e a ideia - o Caminho do Sol nasce da ideia de um peregrino de Santiago que busca trazer a experiência da caminhada para o Brasil, após ter passado pela experiência na Europa; a segunda, a qual complementa a primeira conclusão da pesquisa, o que dá coesão ao grupo, e por consequência ao “caminho” é a idealização do projeto como o foco da ação.

Neste ponto, há convergência com o conceito de tradição inventada: a busca por elementos da peregrinação de Santiago, em elementos constitutivos - como a presença das hospedagens - por consequência dos hospedeiros - do trajeto em si que busca similaridades geográficas, simbólica - certificado Ara Solis - a Compostela para o Caminho de Santiago - o passaporte peregrino, a fim de registrar com carimbos a conclusão de cada ponto do trajeto - como em Santiago - ou as setas amarelas, que buscam evocar as características/propostas de Santiago.

Contudo, essa ideia parece presente de forma mais visível na fala do idealizador e na estrutura da organização do caminho do que internamente nas atitudes dos seus agentes.

A ideia que o “Caminho de Santiago” apresenta é de um modelo de “como fazer”. Muitos outros são os caminhos baseados nesta experiência, especialmente trajetos de caminhada de longa duração. Isso significa que esses outros caminhos agregam a sua formação o modelo Santiago de modo formal, informal, nominal ou não.

REFERÊNCIAS

- CUTER, Julio Cesar; BAPTESTONE, Rolney Carlos. Desenvolvimento econômico, turismo, cultura e hospitalidade: uma análise do município de Santana do Parnaíba. In: **Patrimônio: Lazer & Turismo**, v.7, n. 11 jul.-ago.-set./2010, p.99-115.
- DIAS, Reinaldo; SILVEIRA, Emerson J. S. da. **Turismo religioso: ensaios e reflexões**. Campinas: Alínea, 2003.
- GOMES, Leandro Eustáquio. **Olhares sobre o patrimônio: uma etnografia do caminho de santiago português**. 2012. 114 f. Dissertação do programa de Mestrado em Antropologia Social e Cultural do Departamento de Ciências da Vida, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Coimbra, 2012.
- HOBSBAWM, Eric. RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- NETO, Jonatas Batista. Aspectos das viagens medievais: obstáculos e perigos. **Revista de História**. São Paulo: Universidade de São Paulo, n.119, p.179-197,1988. Disponível em:<<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18579>>. Acesso em: 20 fev.2018.
- PEREIRA, Pedro. **Peregrinos: Um estudo antropológico das peregrinações a pé de Fátima**. Lisboa: Editora Crença e Razão, 2003.
- SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira; FAGLIARI, Gabriela Scuta. Peregrinação e Turismo: as novas rotas “religiosas” do Brasil. In: **Turismo - Visão e Ação** - volume 5 - n.1 - jan/abr 2003.
- SANCHIS, Pierre. Peregrinação e romaria: um lugar para o turismo religioso. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 8, n. 8, p. 85-97, out. 2006
- VALLE, Edênio. **Santuários, romarias e discipulado cristão**. Horizonte, Belo Horizonte, v. 4, n. 8, jun. 2006, p. 31-48.
- VIDOTTE, Adriana; RUI, Adailson José. **Caminhos Físicos, Imaginários e Simbólicos: O Culto a São Tiago e a Peregrinação à Compostela na Idade Média**. Projeto História. n.42, jun. 2011, p 143-160.